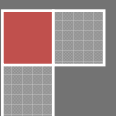


s.d.

# A Síndrome de Ernesto

Miguel Vale de Almeida  
MIGUELVALEDEALMEIDA.NET  
2007



## A síndrome de Ernesto

Miguel Vale de Almeida

- O senhor está a brincar comigo?
- Como?
- Se o senhor está a brincar comigo? É que eu estou a trabalhar, não estou aqui para brincadeiras. Se quer armar-se em engraçadinho, vá chatear outro.

As coisas aconteciam assim a Ernesto. Invariavelmente. Quer dizer, invariavelmente não: às vezes punham-no na rua, sem mais nem menos. Outras vezes só o faziam depois de lhe darem um safanão, agarrarem-lhe os colarinhos ou puxarem-lhe pela gravata. O pior era quando lhe atiravam com o menu para cima do prato da sopa. Ser expulso de um restaurante era uma coisa, mas sair para a rua humilhado, com a camisa tingida de nabiças, era bem pior.

Era assim desde criança: dizia as coisas da boca para fora, como lhe dizia a sua mãe. Ou tinha uma grande boca, como diziam nos filmes americanos. Ou era desbocado, como o acusara a namorada, aquela que só aguentou dois meses com ele e que foi o “amor da sua vida” (“pudera”, pensava às vezes, “foi o único”). Mas Ernesto não era dessa opinião, pois havia desenvolvido uma teoria sobre si próprio, fruto de longas introspecções e trabalho de quebra cabeças com manuais de psicologia. Ernesto achava que sofria de sinceridade compulsiva. Quer dizer, esse fora o primeiro nome que ele dera à sua doença. Correção: à sua condição. Como não vinha nada nos manuais, havia anos que resolvera baptizar a sua... humm..., condição (como gostava de lhe chamar) de “síndrome de sinceridade compulsiva”.

Durante alguns anos satisfiz-se com a etiqueta. Soava bem, não o culpabilizava muito, era uma coisa de que sofria, mas tão-pouco tinha uma sonoridade terrífica. Aos poucos, todavia, foi-se apercebendo de que a fórmula era, digamos, imprecisa. Ernesto gostava das coisas precisas, concisas, directas, correctas. E tão próximas da verdade quanto possível, ao ponto de nem sequer ser questionável o que era A Verdade. O problema com a definição da doença, perdão, condição, estava em “sinceridade” e em “compulsiva”. Compulsiva parecia-lhe conotar um carácter involuntário à coisa. É certo que ele não planeava dizer as suas... humm... sinceridades. Mas tão pouco elas se lhe impunham. Como naqueles doentes com síndrome de Tourette, que desatam a dizer asneiras das piores à frente de um auditório de senhoras das conferências de S. Vicente. Ernesto achava que dizia as suas “sinceridades” com - como lhe chamar? - naturalidade. “Sai-me naturalmente, que é que querem?”.

A primeira vez que lhe ocorreu ter “saído uma sinceridade naturalmente” foi quando entrou para a escola primária. Ao fim do primeiro dia de aulas, a professora perguntou-lhe - já o pé assentava no degrau de entrada da carrinha - se tinha gostado da escola. E ele respondeu que sim, que tinha gostado, mas que achava a professora feia e má. A senhora ainda sorriu, mas o que é certo é que Ernesto viria a terminar a quarta classe em casa, com um professor privado. A partir daí os desastres sucederam-se. Os pais foram os seus únicos amigos de infância e juventude, mas até eles desistiram quando as sinceridades de Ernesto os viraram um contra o outro, a mãe achando que o filho tinha toda a razão em chamar o pai de hipócrita, este achando que Ernesto tinha toda a razão ao chamar a mãe de manipuladora. Um desastre.

Claro que Ernesto habituou-se à sua doença. Condição. Tomou-a como natural, o equivalente de uma deficiência, um daltonismo, uma tendência para a obesidade. Era uma coisa “crónica”, como gostava de dizer: uma condição permanente, mas controlável, com a qual se podia viver, ainda que não se pudesse curar. “Controlo” era a palavra chave. E cedo Ernesto percebeu que o controlo da sua condição crónica era o silêncio. O máximo silêncio possível. E assim foi vivendo - um tanto solitário, que o silêncio e a solidão dão-se muito bem. Mas tinha um problema: há coisas na vida que não se fazem em silêncio: ir às compras, dar instruções a um taxista, comprar o jornal, telefonar para o emprego a dizer que se está doente (estão a ver, não estão? Ele dizia sempre que não lhe apetecia ir trabalhar). E encomendar a comida num restaurante.

Pois bem, nesse dia em que o empregado lhe perguntou se estava a brincar com ele (e depois de dezenas de respostas de Ernesto dizendo que não senhor, não estava), a coisa acabou um bocado mal, porque o dito empregado irritou-se, arrastou-o aos solavancos para a rua, deu-lhe uma cabeçada na testa, atirou-o ao chão - os paralelepípedos estavam molhados e um cheiro desagradável a musgo entrou pelas narinas - e deu-lhe vários pontapés. O balanço final não foi nada bom, pois envolveu hospital e vários dias de cama e dores e uma vez mais uma boa dose de introspecção sobre a sua doença, isto é, condição.

Do seu problema Ernesto já sabia quase tudo. Por enquanto contentava-se com a definição de síndrome de sinceridade compulsiva. Brincava com a hipótese de alterar o nome da coisa para síndrome de clareza crónica, pois parecia-lhe cada vez mais que não se tratava de sinceridade - uma questão moral? - mas de clareza - uma questão, digamos, metodológica. Mas começava a preocupar-se, isso sim, com os padrões das reacções dos outros. É que - pasme-se - nem sempre reagiam mal, considerando que “mal” era reduzir-no a polpa, como fizera o empregado do restaurante, e “bem” significava um mero encolher de ombros.

Fez umas contas de cabeça, recordou episódios, tomou notas. Definidos os últimos seis meses como intervalo de tempo a considerar, e as reacções “más” como categoria de ocorrências a levar em conta, Ernesto percebeu que os piores episódios haviam sido:

- 1) O do homem do restaurante supracitado.
- 2) O do homem do talho em Alcântara onde fora pela primeira vez para evitar os outros talhos onde as coisas tinham corrido mal.
- 3) A colega da secretária ao lado que tinha regressado da licença de maternidade.

Científico, Ernesto compreendeu logo que nada parecia unir estes três casos: nem a tipologia dos lugares, nem a das pessoas ou profissões. Só se fosse... É claro, tinha que ser: os conteúdos das sinceridades. Ou das clarezas. Rabiscou num caderninho as frases proferidas no talho, no restaurante, no escritório, tal como se lembrava delas. Ao empregado do restaurante havia pedido cadáveres de peixe fritos; ao homem do talho havia pedido um pedaço de carcaça de animal com sangue; e à colega perguntara se ela também usava o seu leite para fazer iogurtes para o bebé.

Ernesto começou a ver as coisas com clareza. Com sinceridade, reconheceu que dizia as coisas de forma cruel. Clareza, sinceridade e crueldade eram as características do seu crónico desbocamento. Sentiu-se melhor, um pouco mais feliz. Gostava de pôr ordem no seu pensamento. Conhecer-se melhor era uma fonte de

felicidade. Dava-lhe confiança. Um sentido de propósito. Era, então, uma pessoa que apresentava um “quadro de síndrome crónica de clareza sincera com surtos involuntários de crueldade”.

A enfermeira aproximou-se. Ernesto queria aproveitar a oportunidade para perguntar pelo médico, a quem queria comunicar os resultados da sua introspecção. Mas quando ela se abeirou dele e lhe pegou no braço para substituir o tubo do soro, ele não conseguiu controlar-se. Olhou a enfermeira nos olhos (clareza, sinceridade, crueldade) e disse:

- Eu até tenho fantasias com enfermeiras de seios fartos e com os dois botões superiores da bata abertos inadvertidamente pela pressão dos ditos. Mas no seu caso isso seria impossível porque, além de suja, a sua bata esconde um peito murcho e flácido, com um cheiro desagradável a formol e...

A bofetada descoordenou-lhe as palavras. Demorou alguns segundos a recompor-se. Tinha sido um surto. Maldita doença. Isto é, condição.